

## O MÉTODO NA PESQUISA ACADÊMICA: DINÂMICAS EM MEIO À PERSPECTIVA DA DIFERENÇA

Patrícia dos Santos Costa de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Com vistas à problematização da concepção de método dentro da pesquisa acadêmica em educação, o artigo “O método na pesquisa acadêmica: dinâmicas em meio à perspectiva da diferença” é disparado pela problemática de “como circundam as aberturas para criação de métodos pela Diferença?”. Trata-se de um estudo transbordado pelos diálogos, entre outros autores, com Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011) e Sandra Mara Corazza (2016; 2020), estabelecendo planos para pensar o método dentro da pesquisa acadêmica; (re)pensá-lo como maleável; seus possíveis de aberturas; e estratégias de, com o método, pensar a pesquisa como possibilidade de provocar tensionamentos às visões cartesianas e positivistas em vias da Filosofia da Diferença, além de tecer sobre estratégias de transcrição na pesquisa acadêmica que flertem com a expressão linguística, imagética e literária para a construção de métodos fluídos e singulares para cada tipo de estudo. Em meio à revisão de literatura de conceitos-chave para a pesquisa em educação pela diferença, o estudo aborda como a noção de rizoma, de metodosofia e de transcrição circundam as aberturas para pesquisas que possam criar seus métodos heterogênicos e singulares.

**Palavras-chave:** pesquisa acadêmica; método; diferença.

## THE METHOD IN ACADEMIC RESEARCH: DYNAMICS AMIDST THE PERSPECTIVE OF DIFFERENCE

**Abstract:** Aiming to problematize the concept of method within academic research in education, the article '*Method in Academic Research: Dynamics through the Lens of Difference*' is triggered by the question: 'How do openings for the creation of methods through Difference take shape? This study is shaped by the review of concepts of authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari (2011) and Sandra Mara Corazza (2016; 2020), aiming to: consider the method within academic research; (re)conceptualize it as flexible; explore its potential openings; and examine strategies for thinking about research through the method, as a means of challenging Cartesian and Positivist perspectives

---

1 Doutoranda em Educação, Mestra em Educação. Advogada, Psicóloga, Pedagoga, Membros do grupo de estudos e pesquisas em Filosofia, Arte e Educação (FIARe/FACED-UFBA/CNPQ), e Educação, Filosofia e Multiplicidade na Contemporaneidade (UCS/CNPQ). Coordenadora pedagógica da Rede de Educação de Lauro de Freiras, BA. E-mail: [pattideoliveira@hotmail.com](mailto:pattideoliveira@hotmail.com); [pscoliveira@ucs.br](mailto:pscoliveira@ucs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2253-2908>.

within the Philosophy of Difference. In addition, it examines strategies of transcreation in academic research that engage with linguistic, visual, and literary expressions to construct fluid and unique methods tailored to each type of study. Drawing from a literature review on key concepts for research in education focused on difference, this study explores how notions of the rhizome, methodophy, and transcreation inform openings for research that enable the development of heterogeneous and singular methods.

**Keywords:** academic research; method; difference.

## 1 INTRODUÇÃO

Há que se pensar o ato de pesquisar como atividade própria da natureza humana: essencialmente curiosos, os humanos vêm, paulatinamente, descobrindo e criando no mundo, com o mundo, de si e com os outros que habitam seu espectro – e até fora dele. É a curiosidade, essa força que nos desloca às nuances da linguagem, desde a mais tenra idade, que nos imprime movimentos e, mais adiante, comportamentos – um vir-a-ser que se dá no tropeço, na incerteza, na tentativa da descoberta. Pesquisar, pois, é movimento instigante de mudança, provocativo e excitante fazer das potências da vida.

Nessa tessitura, os curiosos parecem se lançar à face de possíveis rupturas nos sistemas que habitam – ocupando diversas áreas do saber, essencialmente, aqueles que vislumbram formas outras de existência, esboçam possibilidades mais plurais e abertas sobre o viver e o fazer na sociedade. Entender o ato de pesquisar, implica atravessar percursos, muitas vezes endurecidos: heranças de epistemologias cartesianas e positivista, por vezes, reverberam em formas de produzir conhecimento e, isso me leva a pensar que “tal ação” consiste em produzir conhecimentos sobre alguma coisa – “qualquer coisa”. Essas visões de mundo, sustentadas por pensamentos como os de René Descartes (século XVII) e Auguste Comte (século XIX), seguem ecoando e compondo molduras de referências hegemônicas. Entender tal nuance me imprime que o atravessamento cartesiano e positivista não só denomina a interpretação do cientificismo, mas abafa, muitas vezes, as possibilidades de ver e de fazer uma ciência mais porosa, mais aberta e plural.

Ambos pensamentos, oriundos da modernidade europeia, ancoram-se na busca pela objetividade, pela certeza e pela verdade universal, embora com nuances distintas. O cartesianismo, inaugurado por René Descartes, ergue a razão como critério supremo de conhecimento. Já o positivismo, sistematizado por Auguste Comte, finca raízes na empiria como via legítima para o conhecimento, subordinando o pensamento às leis da observação e da experimentação (Iskandar; Leal, 2002).

A ordenação científica do pensamento, forjada por essas vertentes, tende, por vezes, a atribuir menor legitimidade em relação ao caráter científico de movimentos filosóficos que propõem caminhos mais abertos aos múltiplos modos de produzir conhecimento. No positivismo, o movimento social é entendido como engrenagem previsível, regido por leis invariáveis – uma ciência que se quer universal (Comte,

1978), rígida, determinada por agentes que naturalizam seus próprios critérios de validação científica e sua aceitação na sociedade.

Em contraste a tais visões de mundo, o ser humano, desde a mais tenra idade, tende a experientiar dentro do seu processo de apreensão do mundo, seja na linguagem, na motricidade ou na abstração dos acontecimentos. Assim, tornamo-nos pesquisadores do nosso próprio ser e do que nos circunda, criando caminhos, inventando rastros, ainda que sem mapas ou métodos consagrados que nos levem ou às respostas que desejávamos ou às respostas que nem sabemos que podem existir; além do mais, podemos ser arrastados a mais questionamentos ou a mais descobertas de possíveis rastros provocados pelas inquietações. A necessidade de pesquisar pulsa como inquietação: é querer inteirar-se e interagir com e sobre o outro, querer tocá-lo e ser tocado – leque de possíveis da descoberta que dispara o fazer pesquisa – ato de criação cotidiana que se inscreve no coeficiente de mudança social com força para mover estruturas.

Nesse entrelaçamento, é possível espreitar ecos dessa curiosidade – desde a mais tenra idade já potência investigativa – com uma visão de mundo ancorada na diferença. Uma perspectiva que não se curva à lógica de uma verdade única, tampouco nega outras visões de mundo, mas quer abrir fendas, permitir o entre e o meio dando passagem para outros modos de pensar mais abertos à singularidade e à Diferença.

Transpondo-se as curiosidades para as Academias, a pesquisa acadêmica pressupõe certa organização, ainda que nasça do desejo: um estudo sem regra é vontade, mas não ancora o gesto investigativo com caráter pesquisal comprovado. Eis que, o método passa a ser não só um dos passos da pesquisa, mas o elemento fundante para que se atinja, por vezes, resultados analíticos baseados em hipóteses, mesmo quando se trata de um estudo meramente qualitativo. O método passa a englobar um conjunto organizado de técnicas e procedimentos utilizados para coletar, analisar e interpretar dados a fim de responder uma questão. Sendo fundamentais para garantir que os resultados de uma pesquisa sejam confiáveis, replicáveis e válidos, os métodos compõem um arcabouço de “como fazer”, “quais passos seguir”, ou “como coletar e analisar tais dados” para que, cheguemos a um resultado – algumas vezes esperado, se ancorado em hipóteses condizentes com o método, por exemplo.

A pesquisa acadêmica em educação, costumeiramente, se volta mais para o caráter qualitativo, especialmente nas ciências humanas e nas linguagens. É comum que tais pesquisas assumam metodologias de vieses mais observatórios e analíticos, dado o caráter empírico das áreas em que se encontram. Suas demandas e desdobramentos, oriundas dos contextos socioculturais, econômicos, políticos e educacionais, conectam-se às estratégias da observação e da percepção dos fatos em meio aos sujeitos desses contextos específicos. Norteada sob os paradigmas da Academia, a pesquisa acadêmica, segue sendo inserida como parte de uma coleção de textos que comboiam padrões similares e optam por revisões, coletas e análises excepcionalmente partindo, por vezes, de metodologias canonizadas, como as já

citadas visões positivistas e cartesianas, que prezam pela operacionalização de elementos para legitimar cientificamente a observação empírica, a experimentação e o uso rigoroso da razão na busca por normas reguladoras e objetivos claros.

É importante dar vista para o fato de que a pesquisa desenvolvida na universidade, especialmente, mas não exclusivamente, na área da educação, acaba, por vezes, se tornando afastada do “chão da sala de aula”, tornando-se pouco acessível ao público para o qual, em tese, se destina. Impasses como a linguagem, a formalidade às vezes excessiva das preferências acadêmicas e o próprio método: os estabelecimentos estratégicos do “como” realizar o estudo podem vir a se tornar um fator de impacto negativo tanto na propagação da pesquisa como o seu próprio desenvolvimento. Há que se pensar: a pesquisa acadêmica, como gênero textual formal, pressupõe a criatividade? Os métodos analíticos tradicionais dão abertura para que o pesquisador, especialmente nas ciências humanas e nas linguagens adentrem espaço para expor e aprofundar intensidades do objeto pesquisado e, porque não, de si? São as potências parte do processo de feitura do texto pesquisal? O estilo escolhido para a escrita favorece para que esse, possa fruir em intensidade de leitura e análise do objeto em questão?

Tais questionamentos me levam a pensar que a pesquisa acadêmica em educação, muitas vezes, em descompasso linguístico com a fala e a escrita daquele a quem, em tese, se destina, pôs-se (ou foi posta) em um pedestal comum dentro das universidades. Dentro de tal seara, o método ocupa um espaço de destaque nas apreensões de como vemos e fazemos pesquisa – o “como fazer” passa a não ser uma resposta que conduz para um fim específico e esperado, mas sim uma construção de pequenos espaços de possibilidade de criação que impulsionam e potencializam as relações expansivas e rizomáticas das quais se alimenta uma pesquisa.

Assim, este artigo se propõe a problematizar a concepção de método dentro da pesquisa acadêmica em educação, buscando pensar o método dentro da pesquisa acadêmica, (re)pensá-lo como maleável, seus possíveis de aberturas, e estratégias de, com o método pensar na pesquisa, de modo a provocar tensionamentos às visões cartesianas e positivistas em meio à perspectiva da Filosofia da Diferença. Nesse sentido, se propõe a sobrevoar a ideia de método como organismo – sistema volátil e mutável que se alimenta de intensidades do ambiente, do pesquisador, do objeto pesquisado, dos elementos extratexto (sociedade, cultura, política, história) para transitar por espaços variados de acepção do conhecimento – ou seja, ir fazendo-se pelo percurso do próprio texto acadêmico.

## 2 (RE)PENSANDO O MÉTODO COMO MALEÁVEL

À despeito da linearidade que se atribui aos métodos na pesquisa acadêmica – aqueles, por vezes, concebidos metaforicamente como linhas retas, que conectam hipóteses e respostas, passando pela coleta e análise de dados – é necessário e profícuo pensar na natureza das estruturas de tais pesquisas. Academicamente, a pesquisa está circunscrita no contexto de construção do conhecimento como prática que implica ensinar e aprender, em um sistema de troca – orgânico e multidinâmico. Assumi-la,

pois, como tarefa estanque é, essencialmente, reduzi-la em face dos campos que pode ocupar como prática transversal. Dentro da sociedade, a pesquisa escapa às cercas disciplinares e atravessa por outras práticas: a escuta, a leitura literária, música, às experiências pessoais, a tecnologia, às mudanças de comportamentos dos sujeitos ao longo da constituição temporal e social. Ela não se fixa – desliza, incorpora, desloca, compondo-se com aquilo que a atravessa.

Pensar novas formas de pesquisar e de estruturar estudos que sejam rigorosos e empíricos, mas que abram vasões para constituições de sujeitos e objetos outros, é ponto crucial na busca de excelência dentro do ambiente acadêmico. Há que se disparar tensionamentos e deslocamentos pelas escritas-leituras, assim, quem sabe – instauremos faíscas na convencional produção institucional, eis que “residem aí as possibilidades de inventar formas de flexibilizar procedimentos duros e de aproveitarmos as diferenças nos modos de pensar e agir que estão à espreita na produção institucional” (Machado; Hahne; Fonseca, 2021, p. 32). Nessa senda, Díaz-Benítez e Mattos (2019, p. 82) provocam sobre como as pesquisas são dotadas de articulações e, pensando criticamente o método, é necessário que “para entender tais articulações é preciso que a pesquisa [...] faça outras perguntas aos fenômenos que historicamente têm sido abordados pelas metodologias científicas” estudadas.

Esse descolamento do chamado rigor tradicional da pesquisa acena para a Filosofia da Diferença, uma possibilidade de enriquecer o fazer metodológico por meio de referenciais, linguagens e análises ampliadas dos pormenores, em uma relação constante de criar, recriar, escrever com, transformar conteúdos e matérias (Corazza, 2016). O pesquisador nesse processo, é aquele que toma algo inacabado, aberto, incompleto para ampliar sua construção. Uma construção que não visa meramente uma acumulação de conhecimento enciclopédico das matérias de tradição – mas, sobretudo, para que a escrita daqueles que nos antecederam possa ser abandonada sem, contudo, deixar o pesquisador de mãos, boca e umbigos vazios.

## 2.1 Possíveis de pesquisa – aberturas

Inicialmente, pensar sobre o método em pesquisa me coloca frente a diversas provocações e inquietações. Quando somos sempre ensinados que há a busca por uma verdade absoluta – na religião, nas constituições de relações, nos modos de estudar e de encontrar respostas – deixamos de considerar que o conhecimento e seus movimentos são, por vezes, tortuosos e até inesperados. Amplamente, Gilles Deleuze e Félix Guattari, na obra *Mil Platôs*, Vol. 1 (2011), posicionam um conceito difuso e aplicável a muitas áreas do conhecimento: o rizoma. Ao ser desdoblado para abranger as ciências empíricas da pesquisa acadêmica, pode-se pensar no rizoma como visualmente uma estrutura que contrasta com a organização hierárquica e linear das árvores; enquanto estas possuem um tronco central que se ramifica em galhos, o rizoma constitui uma rede sem centro definido – sem tronco, portanto. Ao seu redor, ramificam-se conexões horizontais e múltiplas entre seus elementos, sem que se possa estabelecer de maneira clara e definida um “início” ou um “final”.

Filosoficamente, a estrutura do rizoma apresenta-se como uma multiplicidade heterogênea, sem que haja uma ordem pré-definida. Não segue progressão linear e é caracterizado exatamente pelo seu contrário: são os movimentos não-lineares e não hierárquicos que conferem ao rizoma a capacidade de mutabilidade, volatilidade e abertura para reentrâncias. Esse conceito é aplicado, para que se pense em novas formas de conhecimento, desde nas áreas que competem à organização social até as que flertam com a criação artística ou literária. A capa de *Mil Platôs* (Vol. 1, 2011) já convida a pensar:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e.... e.... e....” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (Deleuze; Guattari, 2011).

Os autores pontuam que, para que uma estrutura seja rizomática, ela deve seguir certos preceitos, que permitem identificá-la e diferenciá-la de outras estruturas. No rizoma, tudo é conexão. Qualquer ponto pode se ligar a outro, sem hierarquias ou ordens pré-estabelecidas, formando uma rede viva e sem raízes fixas. Diferente da linearidade de uma árvore, o rizoma se expande em todas as direções, guiado pelo princípio da conexão (Deleuze; Guattari, 2011). É uma trama onde tudo se relaciona e onde cada contato gera novos caminhos, abrindo possibilidades infinitas. Essa rede se sustenta na heterogeneidade (Deleuze; Guattari, 2011), onde as partes não precisam se ajustar a uma unidade homogênea. No rizoma, os elementos que se conectam mantêm suas singularidades, combinando-se em suas diferenças para criar novos sentidos. É um espaço em que a diversidade floresce e a diferença se torna essencial, formando uma multiplicidade de sentidos.

Não há um único centro ou eixo que o governe, ao contrário, o rizoma se define pela multiplicidade (Deleuze; Guattari, 2011), e move-se entre fluxos e variações, em constante devir, alheia a qualquer essência fixa; é movimento incessante, um emaranhado sempre expansivo que se desdobra em várias direções simultaneamente. A multiplicidade o mantém vivo, permitindo que o conhecimento flua sem precisar de uma unidade central. O rizoma carrega em si a força da ruptura assignificante (Deleuze; Guattari, 2011). Ele pode ser rompido em qualquer ponto, e ainda assim insiste em se reorganizar, em continuar, em criar passagem. Como as formigas de que nos falam Deleuze e Guattari (2011): mesmo quando parte da colônia é desfeita, elas se reconfiguram em novos trajetos, traçando outros possíveis. A ruptura não é ausência nem fim, mas uma abertura, uma dobra que engendra novas formas de existência.

Além disso, o rizoma recusa a rigidez do decalque (Deleuze; Guattari, 2011). Não copia modelos prontos, ao contrário, se traça no próprio ato de ser explorado – adapta-se, transfigura-se, inventa-se. Ele se faz mapa e, é explorado como superfície viva que se desenha ao ser percorrida, permitindo que sejam vistas e exploradas particularidades que movem a pensar uma cartografia que pulsa (Deleuze; Guattari, 2011) viva, que respira e se expande conforme surgem novas conexões. Não há

trilha única e fechada, nem destino traçado ou pré-definido de antemão; há apenas o convite para trilhar, descobrir e reinventar o trajeto, fazendo do território um lugar onde o múltiplo e o imprevisível podem enfim acontecer. Os sistemas centrados, como apontam Deleuze e Guattari (2011), são aqueles que partem de um ponto fixo e se desenrolam em relações previsíveis e empobrecidas, descartando estados abstratos e conexões improváveis, simplesmente porque não se dobram à lógica controlada de uma razão linear e, por vezes, limitada.

A árvore, enquanto imagem dominante do pensamento, moldou por séculos a arquitetura do saber ocidental, estendendo seus galhos para todas as áreas do conhecimento, inclusive para os métodos de pesquisa acadêmica.

Provocar para que se pense a pesquisa nas Universidades como estruturas rizomáticas não quer dizer rechaçar e negar os modelos de métodos positivistas e lineares, uma vez que estes operam com sentido em determinadas finalidades e justificam, em muitos casos, suas escolhas e resultados. Porém, encaixotar todas as pesquisas a caber nesse molde é um grande reducionismo: há de se pensar que as pesquisas assumem-se como corpos uma vez que passam a existir e tais corpos têm potencialidades e intensidades diversas, o que os atravessa e carrega a maneira como são desenvolvidos durante seus aprofundamentos.

Pensar a pesquisa como rizoma é reconhecer que há multiplicidade nos modos de existir e se fazer método. Em termos mais terrenos: Reduzir as pesquisas acadêmicas aos moldes canônicos é fechar os olhos para um campo fértil de possibilidades – mais poroso ao mundo em mutação, mais atento à globalização e com os meios que habitam a sociedade, impregnada de sentidos que transbordam o previsível.

Métodos de pesquisa mais abrangentes e diversos, dialogando com a cartografia pessoal do pesquisador ou com as intensidades daquele meio, em busca de linguagens alternativas e plurais acenam como a promoção de rupturas significantes para que se provoque o crescimento de “ervas daninhas” (Deleuze; Guattari, 2011) na constituição padronizada das pesquisas acadêmicas. A erva daninha, como construção abstratamente rizomática, não pede autorização para se instalar, não cresce onde seria pré-determinado, não se deixa controlar por alguém que a pode, corte ou transplante. Mesmo arrancada de onde havia habitado, aparece em outro espaço, configurando, assim, um crescimento condicionado aos encontros, em conexão com as linhas de fuga.

Pensar o método como fora (somente) das linhas cartesianas não é privilégio da área da Educação, embora seja mais comum a tal. Díaz-Benítez e Mattos (2019) comentam como o desvio do olhar padrão sobre um objeto, no caso, o estudo de gênero, possibilitou uma análise menos reducionista, abrindo possibilidades de vislumbrar desenrolares até então não pretendidos. Ampliar o olhar sobre as práticas metodológicas é recusar sua essencialização, é um gesto que convoca o pesquisador a transitar pelos possíveis que circundam o objeto – possíveis que se assemelham às radículas do rizoma (Deleuze; Guattari, 2011), esses pequenos emaranhados de

ideias, versões e desvios, criados e transcriados junto a objetos-terceiros, que fazem a pesquisa expandir-se para além de si.

Deixar que a vida transborde pela fenda do saber é também abrir espaço para referências que orbitam às margens da centralidade. Nessa esteira, incorporar “referências periféricas à centralidade do saber acadêmico” (Benítez; Mattos, 2019, p. 91) é um gesto político, para que a pesquisa faça com que a vida transborde e entorne, permita ser atravessada por adjetivos mais porosos, predados mais plurais – é importante, pois, pensá-la e atribuí-la adjetivações e predados tanto mais abertos e plurais – como na construção do seu método, que passa pelo movimento de revisão do seu objeto e de transformação de seu conteúdo pela transcrição.

## 2.2 Estratégias de pensar o método, com o método

O fazer-pesquisa, nos moldes acadêmicos mais usuais, frequentemente se ancora no gesto de “escrever sobre” um objeto, de maneira a dissecá-lo e experimentá-lo conforme traçam os paralelos da metodologia convencional – aquela revestida de hipóteses (já marcando possíveis respostas para um problema), revisão de bibliografia diretamente engajada em confirmar filiações conceituais, coleta e análise guiadas por métricas pré-estabelecida de antemão. E, ao fim, resultados que pouco surpreendem, pois já vinham inscritos no início do percurso. Por outro lado, quando esse fazer é transposto para a área das Ciências Humanas e das Linguagens, torna-se visível que “escrever sobre” um determinado objeto, às vezes, movimenta apenas pouco de sua potencial bagagem, eis que, o objeto, pode pulsar mais do que se deixa dizer.

Desse modo, é válido dizer que para Deleuze e Guattari (2011), o conceito de “potência” é central. Entende-se como “potência” a capacidade ativa e criativa de um indivíduo, grupo ou corpo social. Isso vai além de ser apenas uma potencialidade passiva, enfatizando a capacidade de agir e de produzir novas formas de existência, pensamento e prática – o que se estende até o campo da pesquisa, quando se pensa que a metodologia é algo passível de abertura, uma vez que é interconectada a potências de diferentes fontes – do objeto sob análise, das interferências extratexto (o contexto social, cultural, econômico, político, educacional) e do próprio escrevente (que é, pois, uma pessoa tomada por seus atravessamentos).

A potência está ligada à ideia de multiplicidade - cada ser é uma multiplicidade, uma rede complexa de relações e de intensidades. Sua potência reside na capacidade de criar novas relações, conexões e intensidades, gerando possibilidades e realidades que não se limitam a uma única forma fixa ou identidade – são abertas para reentrâncias e, de maneira abstrata, são o próprio rizoma em ação.

Pensar na multiplicidade e nas potências nos instiga a olhar para a metodologia de pesquisa como um campo aberto e passível de exploração: não seria a metodologia um processo que se faz na medida em que o próprio estudo acontece? Uma vez que tal matéria movimenta organicamente potencialidades e intensidades dentro de uma multiplicidade de atores, o método é um sistema vivo. Portanto, dentro do

campo da Diferença, a pesquisa ela mesma acontece em ondas, é um sistema em construção, não tem necessariamente respostas esperadas e fins dados previamente.

A despeito disso, é convidativo junto a Corazza (2016) que pensemos, a pesquisa acadêmica como um processo de transcrição – que faz-se estudos diversos junto a variáveis que atravessam tal processo de maneira a transformá-lo, assumindo a multiplicidade frente ao caráter heterogêneo inerente ao pesquisar. Segundo a autora, é uma atividade inerente à pesquisa, uma vez que pressupõe a movimentação de matérias que,

ao serem atualizadas, são renovadas; mas têm de continuar sendo matérias criadas por outros, em outros tempos, espaços, problemáticas. Esses dilemas povoam os atos de criação daqueles que educam; pois, se, por um lado, a tradução deve prosseguir ligada à matéria-fonte e, assim manter, em algum grau, a sua equivalência de código; para que esta matéria seja revitalizada, a tradução tem de transcriá-la (Corazza, 2016, p. 10).

A Metodosofia (Corazza, 2020), pois, reúne uma maneira de pensar que, há a provocação para o descolamento do pensamento de que o método em pesquisa apenas possa ser uma estrutura fixa e inerte, que se aplica e replica em forma de decalque de um estudo para outro. Nesse campo de forças, Corazza (2020, p. 14) conceitua o método em pesquisa como “singularidade ímpar de [...] criação, que não busca garantias analíticas ou sintéticas no modelo matemático, nem nas regras da lógica formal, tampouco no conhecimento da verdade filosófica”. A Metodosofia também propõe uma revisão vocabular, uma vez que, na teoria de Corazza, há o abandono do sufixo “logia” e sua substituição por “sofia” – um movimento que prevê o afastamento da ideia de sistematização clássica, feita com o intuito de chegar a uma resposta, ao “logos” esperado. O segundo sufixo, o qual exprime a ideia de sabedoria ou conhecimento, abre possibilidade para pensar o método como “um tipo de sabedoria plena de afectos e perceptos, literatura e arte, ciência e filosofia” (Corazza, 2020, p. 15).

Tal movimento traz à tona a possibilidade de “escrever com”, para, então, poder se debruçar sobre um objeto. Aqui, vejo a inserção da literatura como agente estimulador da escrita e, porque não, da invenção de um método único e latente, dinâmico e orgânico, que se conecte rizomaticamente com a pesquisa que está em processo.

Os autores literários, em suas tantas estratégias de mobilização de linguagem, podem fornecer um arcabouço para que a escrita acadêmica roube de seu vocabulário possíveis de léxico, assuma também possíveis de flerte com gêneros textuais que estão no fora do plano acadêmico convencional. Deleuze e Guattari (2011) lembram que o livro é, em si, uma multiplicidade, uma máquina abstrata que extrapola a noção de signo e,

não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem

órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária (Deleuze; Guattari, 2011, p. 18-19).

Entre as frestas desse deslocamento, a pesquisa acadêmica atravessada pela literatura deixa na mesa a possibilidade de que cada estudo tenha seu método particular e dinâmico, criado na medida das intensidades do seu processo único e singular. O processo de feitura da pesquisa assemelha-se, então, à tessitura, uma vez que intensidades e potências pessoais e do objeto contrastam com as nuances do texto literário em toda sua profundidade – elementos compositores de sua narrativa, densidade das construções psicológicas de personagens, ambientações descriptivas, até construções ortográficas, gramaticais ou agramaticais. A transcrição nos permite operar com as matérias de modo que os dados sejam transcriados para que habitem um arquivo gerativo de pensamento que produza autoconhecimento, sabedoria de vida – sem modelo totalitário e homogêneo para o conhecimento (Corazza, 2016).

Na transcrição, os dados de pesquisa deixam de habitar exclusivamente a condição de categorias a serem analisadas sob o viés cartesiano, e passam a se mover como matéria em um empirismo recriado, de modo que sejam vistos não mais como cifras a serem decifradas, mas como uma experimentação intelectual, atravessada por sentidos. A pesquisa, aqui, sobretudo o método, escapa da rigidez de uma estrutura estanque e transforma-se em meio às experimentações do pesquisador, passando a pulsar nos dados que manipula, no arquivo em vias de se montar e na volatilidade da escrita – tudo como um organismo vivo, que se alimenta das intensidades que o próprio movimento engendra.

Em contexto de pesquisa acadêmica, a transcrição é o processo de tradução e criação de significados que vai além da simples transcrição literal de um texto, entrevista ou discurso, mas também a interpretação e a adaptação dos significados culturais, contextuais e sociais presentes no texto original. Isso significa que o pesquisador busca captar, transmitir e transver o sentido mais amplo e profundo das expressões e das ideias presentes no arquivo. Para tanto, sabendo que o método, independentemente de estar sob a ótica da Filosofia da Diferença ou não, é uma direção dentro da pesquisa. É importante, junto a Corazza (2020) estabelecer uma conceituação para tal: sem pré-definição, eis que o método vai se fazendo em pegadas com o desenrolar da pesquisa – é o funcionamento de experimentações. Como seus próprios movimentos constituem um saber, não é tratado como uma descoberta, não almejando um fim ou o alcance de uma ou mais hipóteses.

Mais que um conceito, a Metodosofia (Corazza, 2020) é movimento não repetível, inapreensível por decalques, insubmissa a modelações pré-estabelecidas, é uma proposição filosófica viva, uma atitude criativa frente à pesquisa – um modo de pensar e fazer que escapa às amarras formais e, que pulsa como criação em ato. Ela propõe que o método seja único e singular para cada estudo, sob constante movimentação, entrâncias e reentrâncias, aberto para linhas de fuga e de comportamento rizomático, absorvendo e alimentando-se de múltiplas experiências

que circundam os dados, o arquivo, o pesquisador e a escrita – esta, por sua vez, torna-se também criação: criativa e crítica, não apenas utilizando-se da função referencial, mas sendo, ela própria, ferramenta de provação no corpo vivo do processo de pesquisa.

### **2.3 Cortes da diferença – pesquisa em movimentos da literatura**

Ao longo da minha formação, sobretudo nos anos do ensino regular, fui atravessada por uma economia textual, como se os gêneros textuais da esfera tipológica dissertativo-argumentativa impusessem um esvaziamento lexical – o foco permanece apenas no que é taxado como linguagem acadêmica. Tal processo, percebo hoje, foi, paulatinamente, interferindo no meu modo de escrever, moldando-me como produtora de textos de caráter somente teórico, sem que haja espaço para a linguagem em intensidade ou potência, seja ela vocabular ou referencial. A tirinha de Luís Fernando Veríssimo (2000) dizia: “será que algum dia os cientistas conseguirão explicar o universo? – Acho que sim... mas só para outros cientistas” nos coloca frente a frente com a natureza de muitos textos acadêmicos: distantes de quem está fora da academia e, diversas vezes, deveras incorporando somente um arcabouço decalcado e repetido. Isso escancara algo que me atravessa como crítica e constatação – muitos dos textos acadêmicos seguem sendo produzidos para dentro da própria academia, afastando-se do mundo que pulsa fora dela.

Tendo em vista as aberturas na concepção de método propostas pela Metodosofia (Corazza, 2016), e assumindo uma conceituação orgânica e dinâmica para o desenho da pesquisa acadêmica, é salutar mobilizar movimentos que colaborem para arrastar a potência de um arquivo em sua tradução. Não há certo ou errado, o propósito não é listar ordens ou delimitações de “como fazer” no processo de construção de um método, apenas tecer provocações de como uma escrita pode movimentar a construção de uma pesquisa.

A linguagem é o primeiro território em disputa: é por ela que os pensamentos se mobilizam, e os atravessamentos e as intensidades de criação da pesquisa se inscrevem – tudo pulsa em meio à escrita. Para além de sua função comunicativa, de caráter academicista e marcadamente formal, o escrever na pesquisa acadêmica também é instrumento de manutenção do status quo do poder hegemônico da visão de que as pesquisas com rigor, ou legalmente válidas e aceitas pela comunidade acadêmica, são aquelas que, necessariamente, utilizam a variação formal da língua, e seguem aos preceitos gramaticais, sem margem para desvios, ruídos ou subversões de qualquer natureza.

A pesquisa pelo viés da Diferença entende a linguagem como aquela que carrega intensidades, logo, ela pode não assumir o espaço canônico da forma. O uso de primeira pessoa, a suavização da escrita através de gêneros textuais diferentes do dissertativo, o flerte com diferentes estilos, e a abertura a novas formas de organizar a estrutura da pesquisa (que não, necessariamente, se submetem à rigidez da padronização sumarial), são estratégias que deslocam os estudos das amarras hegemônicas de sistematização do saber, abrindo fendas por onde possam emergir

outras vozes, outras lógicas, outras formas de habitar o pensamento – menos normativas, mais vibráteis, em ressonância com o que escapa, com o que pulsa.

Imersa nesse fluxo, a literatura também é um flerte possível na pesquisa acadêmica. Escrever “com” um autor de paixão, seja ele de qualquer gênero, nos possibilita um sobreovo pela micropolítica de linguagem que acontece na construção semiótica individual de quem escreve. O autor, então, passa a ser um “traidor” de um texto, um “ladrão” de palavras, estruturas, vocabulário diferente do seu. Não se trata, de maneira alguma, de “copiar” de um texto literário, mas de, com ele, conseguir abrir provocações para fluir escritas mais plurais e menos denotativas, suscitando veredas para a conotação de uma linguagem, por vezes, até mais poética, inflada de referências, trocas de léxico e construção próprias para aquele método em construção.

Para Sam Okoth Oundo (2019), há uma relação refrativa e de interferência entre filosofia e literatura, que ele nomeia como **Filopoiesis** ou **Filopoética** – uma zona de contágio em que os saberes se entrecruzam e se afetam mutuamente. Embebida em Deleuze (1999), essa perspectiva traz que entre áreas afins, é possível haver diferentes graus de interferência, nos arremessando a espeitar um deslocamento no olhar do pesquisador para além da posição distanciada e impessoal dele em face do texto. Questiona-se, então, o que é filosofia e o que é literatura, não para separá-las, mas para que ambas as áreas se confrontem em criação mútua. Oundo (2019) diz que há, em meio à filopoética, possibilidades para que corpos e pensamentos, antes não reconhecidos em sua potência, emergam como forças em ato na mobilização textual.

A literatura, pois, não comparece no método como mero adorno, mas como força germinal – um recurso intensivo na tessitura de modos outros de pesquisar – uma fonte de pensamento e de pesquisa vocabular. Na contramão da construção pesquisal científica cartesiana, está a possibilidade de vislumbrar o método como desenvolvimento que se apoia em um enredo literário, que rouba seu vocabulário ou que assume a sua visão de personagens, como se a escrita fosse uma extensão da literatura.

Não se trata de importar modos literários nem de mimetizar estilos consagrados. Não se fala de decalque de textos literários, mas de habitar o entre, o encontro que pode acontecer entre o pensar de um método entrecortado por um fazer que advinha da escrita – onde a linguagem se desdobra em sensações, atravessa normas e se arrisca em outras formas de dizer – a exemplo, da dissertação de mestrado de Oliveira (2022), que mergulha nas proposições da escrita do texto legal em educação em meio às receitas (textos também injuntivos) que povoavam a literatura jorgeamadense, tomando-as como matéria para tensionar e provocar dobras na escrita da função da coordenação pedagógica. Ali, o método se tece com a linguagem em flerte entre o rigor científico e o metafórico, entre a densidade do argumento e a leveza da escrita poética. Trata-se de uma escrita que não se limita a representar, mas que se dá a ver como presença, que não se submete à norma, mas a desloca, transcriando-a no próprio ato de escrever.

Pensar a pesquisa acadêmica pela ótica convencional imprime ao estudo um tratamento gramatical (Deleuze, 1999) não estritamente no campo da linguagem, mas na manipulação dos arquivos, que devem seguir a representação dos moldes pré-estabelecidos de hipóteses, revisão, análise, revisão, conclusão. É possível pensar uma “cartografia [de acontecimentos] que permite capturar os encontros” (Oondo, 2019, p. 47), na qual a pesquisa acadêmica possa também, especialmente nas Humanidades e nas Linguagens, abranger outras áreas, mas singularmente, se permitindo costurar traduções de campos inexplorados da experiência pessoal ou em grupo, das vivências, e da criação de palavras que abarquem as ações de pesquisas porvir.

A escrita, como organismo mutante e orgânico (Deleuze, 1999) é intrínseca, sobretudo quando se trata de tangenciar um método que leva em conta, para sua tessitura, aspectos intra e extratexto, assumindo que a macropolítica (Guattari, 1978) do fazer pesquisa na Universidade categoriza os textos e seus rigores com base em aspectos estruturais e analíticos, apenas. É preciso que o método em movimento, trace suas próprias linhas de fuga, fazendo ranhuras micropolítica (Guattari, 1978) na constituição de textos.

Os recursos gráficos, comumente vistos na pesquisa acadêmica como textos descritivos em forma de imagens, fotografias, tabelas e gráficos, assumem, na Diferença, um espaço de devir textual. A disponibilização de fotografias, desenhos, croquis, mapas e qualquer outro tipo de intervenção extratexto escrito, ou seja, de linguagem não verbal ou mista, pode ser uma estratégia de escalada em um método que provoque intensidades não atingidas somente no texto. É permitido ao pesquisador que encontre as maneiras mais adequadas para expressar sua subjetividade e incorporá-la nos atos de transcrição de matérias, o que passa pelo entendimento de que a linguagem e sua expressão extrapolam o texto gramatical e verbal.

Deleuze e Guattari (2011), dizem que é necessário, frente à criação, encontrar possibilidades outras de pensamentos e de rupturas, a fim de que os encontros deem movimento a possíveis – o que pode ser aplicado à pesquisa em educação. Pensar na linguagem, na literatura e nos recursos gráficos como verdadeiros túneis por onde passam tentativas é assumi-los como que sendo traídos. Para os autores, a traição é muito mais complexa do que seu sentido negativo atribuído pelo senso comum social, crescendo por vias que beiram o “fazer com”. Trair uma ideia ou um vocabulário seria, pois, trabalhar com ele para a sua exata subversão, admitindo tal ação como uma forma de desvio que permite a emergência de novas formas de vida e pensamento.

A traição, nesse sentido, é um processo de destruição produtiva – desterritorializa-se um pensamento para tirá-lo do seu lugar comum, a fim de que possa transitar por espaços e por funções ligadas ao múltiplo. A traição na pesquisa da Diferença é parte fundamental para que se pense o método pela ótica da Metodosofia, em que o arquivo passa por um processo de transcrição – não se traduz, se constrói com, escreve com, espeita as pistas de agentes, inicialmente,

extratexto – referências culturais e literárias, afetos acadêmicos e pessoais com autores e conceitos, potencialidades do próprio pulsar da vida do autor.

Há de se pensar que a feitura de uma pesquisa é muito como, metaforicamente, um trabalho de costura: ponto a ponto, criando conexões que não tem por objetivo final fechar um segmento, mas sim fazer com que, dele, haja outras possibilidades de pensar à frente, na tentativa de um devir. O método como um movimento contínuo, heterogêneo e marcado não pela certeza de caminhos a seguir, mas pela incerteza do que o próprio arquivo vai suscitar como parte de tentativas inventivas.

Nesse processo, a experimentação se torna uma tarefa integrante. Indo além da busca por verdades absolutas e estáticas, Deleuze e Guattari (2011) propõem que a pesquisa deve se abrir às tentativas da experimentação das múltiplas facetas que circundam um objeto, para evitar que não as caia na falácia das ideias únicas. A heterogeneidade, assim, é um dos princípios da multiplicidade, experimentar é uma espécie de ponto de partida para uma visão mais ampla das possíveis ramificações da feitura de um processo de pesquisa.

### 3 CONCLUSÃO

Fazer pesquisa é colocar-se em movimento junto com aquilo que se investiga. Mais que seguir trilhas prontas, é deslocar-se com o território em que habita à medida que avança. Aprimorar, revisar e propor formas de fazer pesquisa acadêmica é parte do processo de construção de referenciais para o conhecimento, que não se encerram em si mesmos, mas se abrem à deriva do pensamento em ato. Trata-se de fazer da linguagem um campo de invenção arriscando- se pelas curvas que se desdobram à medida que o itinerância se faz.

Pensar esse movimento como tessitura é reconhecer que uma pesquisa se escreve com os encontros, e pensar sobre o método nessa dinâmica, é fitá-lo como processo, como uma abertura maior para uma pesquisa – uma vez que, rizomática – a pesquisa está implicada por forças múltiplas, sob constante ação e, carrega suas intensidades, suas dobras, seus sons e seus ritmos.

Pensar o método de pesquisa mais afastado da produção convencional, enquanto um organismo vivo, leva a reconhecer que na pesquisa, não há forma definitiva, mas contorno provisório, sempre por fazer. O método então, se entende como mutável, e se aproxima da ideia de corpo em devir, atravessado por múltiplos agenciamentos. Nesse devir, a tentativa de bambear visões reducionistas e limitadas, pode abrir espaço para que pesquisadores explorem novas dimensões e desdobramentos que não eram previamente considerados, refletindo a ideia de que a pesquisa deve ser uma prática fluida e maleável.

Além disso, mais do que obedecer aos modos de pesquisar é fundamental questioná-los. Por que não permitir que o método se contamine com os afetos, com o ritmo da escrita, com o tropeço dos sentidos? A Filosofia da Diferença nos provoca a questionar as formas endurecidas, e a escrever num estilo que escapa da captura e resista à pasteurização acadêmica. Assim, transitar pela Diferença atica a

pervagar com métodos que não se limita a padrões fixos, que transcendem padrões rígidos e imutáveis, se constituindo livres dos empecilhos da reprodução sem fim do mesmo e, da frustração de ser tão somente mero produto do consumo institucional universitário.

## REFERÊNCIAS

- COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. Traduções de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- CORAZZA, Sandra Mara. **Metodosofia: contrato de tradução**. In: CORAZZA, Sandra Mara. (Org.). *Métodos de Transcrição: pesquisa em educação da diferença*. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez, 2016.
- DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. Ed. 34. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. 2 Ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão – Rio de Janeiro: 2011.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; MATTOS, Amana. **Interseccionalidade: zonas de problematização e questões metodológicas**. In: SIQUEIRA, I.R; MAGALHÃES, B.; CALDAS, M.; MATOS, F. (Orgs.). *Metodologia e Relações Internacionais: Debates*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2019.
- GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução de Rolnik Suely. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 233 p.
- ISKANDAR, Jamil I; LEAL, Maria Rute. **Sobre Positivismo e Educação**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 3, n.7, p. 89-94, set./dez. 2002.
- MACHADO, Adriana Marcondes; HAHNE, Beatriz Saks; FONSECA, Paula Fontana. **Pensar é deslocar se: o jogo da escrita endereçada**. In: MACHADO, A.M.; CARDOSO, S.G. *A escrita como exercício em processos formativos*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 21-33.
- OLIVEIRA, Patrícia dos Santos Costa. **Uma coordenação pedagógica e sua escrita**. Dissertação. Rio Grande do Sul, Universidade de Caxias do Sul, UCS, 2022. 274 p.
- OPONDO, Sam Okoth. **Filopoesis e/enquanto resistência**. In: SIQUEIRA, I.R; MAGALHÃES, B.; CALDAS, M.; MATOS, F. (Orgs.). *Metodologia e Relações Internacionais: Debates*. Rio de Janeiro, Ed. PUC-Rio, 2019.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. **As cobras em: se deus existe que eu seja atingido por um raio**. Porto Alegre; L&PM, 2000.